

PERFEITA MEMÓRIA DAS ÁGUAS

Caroline Silva Souza¹

“A história dos oceanos é a história da vida”, enunciou a revista *National Geographic* (2023), que informou, ainda, que vivemos no único planeta conhecido com água líquida em sua superfície, um elemento que cobre cerca de 70% da área total do planeta, conforme aponta a Nasa. Diante dessa vastidão líquida, não surpreende que a presença da água na terra tenha transbordado da ciência para a arte, transformando-se em diferentes expressões e linguagens, entre as quais, a música. É o que faz Guilherme Arantes ao nomeá-la, com precisão e lirismo, de “planeta água”, revelando a força simbólica desse elemento. De igual modo fez Gerônimo ao cantar sobre a cidade de onde parto, Salvador da Bahia, ao identificá-la como a cidade de Oxum, orixá das águas doces.

Nesta cidade entrecortada e cercada por águas, seus outrora abundantes mananciais subterrâneos (Santos *et. al.*, 2020) têm sido constantemente poluídos. Seus altos índices de chuva (Idem, 2020) constituem uma qualidade convertida em transtorno por não serem assimilados de maneira orgânica. Os caminhos antes trilhados por águas que corriam limpas, e narravam parte essencial da história local, hoje expõem os efeitos das sequenciais crises ecológicas e climáticas. Esse processo desvela as problemáticas que envolvem a formulação de políticas e a maneira como o planejamento urbano, nessa esteira, tem rompido com a natureza; nesse sentido, nossas águas doces e salgadas acompanham, degradadas, o avanço do hipotético “desenvolvimento” urbano.

Dentro de Salvador, nasci e me criei no Subúrbio Ferroviário, no bairro de Plataforma/ São João do Cabrito, uma área marcada pela presença de pescadores, marisqueiras e de pessoas acostumadas a viver em íntima relação com o mar e as matas. Trata-se da área onde um dia existiu Novos Alagados, onde familiares e demais conhecidos moraram sobre as águas. Contudo, essa conexão tem se tornado cada vez mais tênue, visto que as águas e matas que nos cercam e dizem tanto ao nosso respeito, vêm sendo progressivamente obstruídas pela especulação imobiliária, aterros, tamponamentos de rios e pela abertura indiscriminada de passagens para modais, em nome do suposto “progresso”. Logo, integrar essa conjuntura em meu próprio bairro, e testemunhar sua repetição em tantas outras partes da cidade e do mundo, significa ser atravessada ininterruptamente por uma sensação de fim iminente.

Assim, estamos diante de uma conjuntura complexa, marcada pelo afastamento contínuo dos modos de vida não hegemônicos, que, historicamente, sustentam outras formas de relação com o mundo, como aquelas vivenciadas em Canudos, Caldeirões e Pau de Colher, mencionadas por Antônio Bispo em seu texto *Modos Quilombolas* (2016), nas quais os modos de vida em comunidade eram mais integrados à natureza. Nesse sentido, o ambientalista e filósofo Ailton Krenak (2020) reflete que a desorganização da vida no planeta ameaça não apenas os demais seres, mas também coloca os próprios humanos em risco de extinção, revelando a fragilidade do que entendemos por futuro comum. Ressalto, ainda, que esse processo também se expressa no apagamento gradual das memórias nascidas no meio natural, em que a destruição do visível alcança o simbólico, conduzindo ao esquecimento de formas mais orgânicas de habitar a terra.

Tais reflexões têm atravessado meus trabalhos de forma recorrente, fluindo por diferentes linguagens que dão vida a trabalhos como este que resolvi chamar de *Perfeita Memória das Águas*, também inspirado em Toni Morrison, quando disse que “Toda água tem uma memória perfeita e está sempre tentando voltar para onde estava”. Assim, ao falar da água, um elemento que cobre cerca de 70% da área total do planeta, esta charge não fala de um território específico, ela fala de muitos – e do processo cíclico de suas destruições e restituições. Ela trata da perda lenta e do recomeço que se promete dramático, anunciado em vozes como a de Krenak (2020), que tem alertado: “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho”.

Referências

LEITZKE, Carolina da Silva. *Ailton Krenak acredita que o afastamento da natureza é uma das causas das mudanças climáticas*. Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-acredita-que-o-afastamento-da-natureza-e-uma-das-causas-das-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

QUAL é a origem da água na Terra de acordo com a ciência? A água impulsiona o ciclo de vida no planeta e cobre 70% do espaço total disponível na Terra. Redação National Geographic Brasil, 7 jun. 2023. Disponível em: <https://nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2023/06/qual-e-a-origem-da-agua-na-terra-de-acordo-com-a-ciencia>. Acesso em: 01 jul. 2025.

ORTEGA, Anna. *Ailton Krenak: “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho”*. Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 12 nov. 2020. Online. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo. Modos quilombolas. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 9, p. 58–65, set. 2016. Online. Disponível em: <https://piseagrama.org/nas-edicoes/modos-quilombolas/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SANTOS, Elisabete; PINHO, José Antonio Gomes de; MORAES, Luiz Roberto Santos; FISCHER, Tânia (Org.). *O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes*. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. 486 p. il. (Coleção Gestão Social). ISBN 978-85-60660-08-7.

¹ Artista (IHAC-UFBA, 2014), arquiteta e urbanista (FAUFBA, 2023), especialista em Políticas Culturais de Base Comunitária (FLACSO-Argentina/IberCultura Viva, 2023) e mestranda no PPGAU-UFBA, na linha de Conservação e Restauro. Participa dos grupos de pesquisa Jardinar: Paisagem, Arquitetura, Cidade; Margear; e do Grupo de Estudo Corpo, Discurso e Território.

